

A SOMBRA DA PAISAGEM: ESPAÇO VERDE EM PORTO VELHO, RONDÔNIA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-003>

Data de submissão: 01/09/2024

Data de publicação: 01/10/2024

Sônia Maria Teixeira Machado

Mestra em Geografia

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia - IFRO

E-mail: sonia.machado@ifro.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4895-0662>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6452764110432892>

Claudia Cleomar Ximenes

Mestra em Geografia

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

E-mail: profa.ximenescerqueira@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4125-7991>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8014015246571237>

Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Doutora em Ciências Sócio Ambiental e Desenvolvimento Sustentável

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

E-mail: gracinhageo@hotmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1758-4116>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1451894246199065>

RESUMO

Os sentidos humanos são norteadores para a percepção de lugar, de espaço, de paisagem. As representações são caracterizadas pela representação simbólica do ser humano e, na geografia é uma das formas de leitura do mundo, físico e humano. A contemporaneidade leva a compreensão do hoje, daquilo que representa ao ser humano na atualidade. Esta pesquisa tem como objetivo despertar para a realidade sobre significados e representações da paisagem urbana na atualidade, tendo em vista os sentimentos dos portovelhenses para com a paisagem de parques e praças da cidade. Para se alcançar o objetivo desta investigação foi utilizado a entrevista com questões que norteiam e levam a alcançar a meta. Apresentamos uma revisão dos conceitos de alguns geógrafos, relacionando com a questão da percepção da paisagem. Registramos e as opiniões e revelações de seu significado para população, além da tão amplamente debatida na modernidade, preservação da natureza. Buscando visualizar os elementos subjetivos que envolvem o homem e sua relação com a paisagem. O conteúdo é amplo quando se trata dos significados e representações dessa temática. Portanto, o estudo traz um recorte do significado da paisagem para os portovelhenses, explícito na frequência do parque circuito da cidade. Na busca de perceber o caráter subjetivo presente nas paisagens dos parques portovelhenses, constatamos os significados e representação do parque circuito de Porto Velho, Rondônia.

Palavras-chave: Espaço Verde, Parque, Porto Velho, Rondônia.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem em qualquer lugar do mundo ganhou maior importância, com alto volume de produções com esta temática, demonstrando diversos panoramas e conceitos. A questão dos significados e representações se transforma na atualidade de forma visível e bem marcada, quando se refere às paisagens urbanas. Por ser tal questão ampla, o artigo traz apenas um recorte do significado da paisagem para os portovelhenses, explícito na frequência dos parques e praças da cidade.

Necessário se faz compreender de maneira coesa a dinâmica que se dá nos espaços verdes das cidades. A construção do espaço geográfico urbano e os elementos essenciais deste processo são compreendidos nesse estudo. Com o alcance literário, poder-se-á entender a dinâmica do uso dos parques de Porto Velho, Rondônia. Com enfoque de se entender a atual paisagem do município e a metamorfose em que a cidade passou.

Pondera-se aqui, que, não é de pretensão, esgotar o tema, mas, proporcionar material que leve a reflexão da construção do espaço geográfico urbano, tendo como exemplo a capital de Rondônia. A alusão à magnitude das formas, compreende a posição encontrada da paisagem urbana. Há quem diga que a beleza dos parques da cidade sobrepõe as belezas das paisagens naturais. Questão de gosto, sentimentos! Mas, não se pode negar que as cidades possuem um charme especial, um quê de atratividade, suspense e terror. Ora, o que difere do meio rural? O concreto? Os contornos e formas artificiais?

As dúvidas são imensas, entretanto, cabe aqui compreender a posse do ser humano na construção do espaço geográfico urbano. Com espaços de concreto, massa asfáltica e, também, verde (botânico). Os caminhos, as casas, os edifícios comerciais, as firmas, as instituições e as pessoas são elementos essenciais na transformação espacial, na concretude da metamorfose da paisagem.

A importância desse estudo se firma a partir da vivência no espaço onde ocorre a transformação, na constatação dos fenômenos, no experienciar os fatos, enfatizando a revelação da subjetividade. A pesquisa se insere na geografia humanista envolvendo o trabalho de campo. A geografia é uma ciência que vai além do que é visto de forma concreta, fazendo leituras a partir do trabalho de campo considerando a subjetividade das transformações do espaço.

O objetivo dessa análise é despertar para a realidade sobre significados e representações da paisagem de acordo com a contemporaneidade, analisar e interpretar os sentimentos topofílicos e topofóbicos dos portovelhenses para com a paisagem de parques e praças da cidade. Isso também nos oportunizará uma revisão dos conceitos de alguns geógrafos, relacionando com essa questão considerando as relações entre os sujeitos e o espaço, estruturado nas questões culturais apresentadas com suas particularidades de acordo com as situações e épocas.

Sendo assim, a pesquisa enquadra-se numa abordagem humanista do saber geográfico, que considera os aspectos subjetivos e as vivências, atribuindo-lhes valor como elementos de sua análise. Importante frisar que este estudo não tem a intenção de esgotar o tema, até mesmo porque o assunto é amplo e merece uma salva de imagens que não foi imposta aqui, mas, pelo fato de ser resultados parciais de projeto de pesquisa de extensão universitária.

2 METODOLOGIA

Como metodologia de investigação foi utilizada a coleta de dados qualitativos através de observação *in loco* dos hábitos e costumes manifestados no espaço em foco assim como entrevistas. Sugerida por Whyte (1977) e igualmente utilizada por Sartori (2000) utiliza-se uma metodologia que consiste na tríade observar, perguntar e ouvir e registrar, onde dois dos três itens propostos pelos autores: observando e o perguntando estão mais relacionados a essa pesquisa, na qual os procedimentos foram adaptados de acordo com os objetivos.

Pudemos contar com a colaboração de 50 indivíduos de ambos os sexos com mais de 15 anos de idade, com residência em Porto Velho que frequentam as praças e parques da cidade. Os entrevistados foram aleatoriamente convidados a apresentar suas percepções individuais sobre a paisagem que frequentam, através de um formulário de entrevista(questionário) com perguntas abertas e fechadas. Esta pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2015, onde o questionamento norteador foi:

- a) Identificação das pessoas que são da Cidade de Porto Velho e a porcentagem de pessoas de outras localidades que frequentam o parque.
- b) A idade dos frequentadores.
- c) As práticas dos frequentadores da praça: Foram considerados os vários tipos de esporte, brincadeiras, passeios etc.
- d) O que representa e o que significa frequentar o parque: Foram considerados os sentimentos gerados pelo local, a sensação de liberdade, o contato com a natureza e o refúgio da agitação do dia a dia, o medo.
- e) O significado e representação da sombra, qualidade do ar e beleza com questões abertas: Considerando a capacidade do homem de construir diferentes espaços, a busca de atender suas necessidades, a poesia necessária dentro da cidade, um espaço que oferece perigos.
- f) Contribuição do parque Circuito para a cidade de Porto Velho: questão aberta.

Tais questões foram desenvolvidas e demonstradas através de gráficos que representam o resultado da pesquisa de campo realizado pelas autoras entre os meses de agosto e novembro de

2015. Necessário considerar o desenvolvimento das cidades, um espaço geográfico em constante transformação.

3 QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Uma questão a respeito dos tempos atuais que merece atenção nessa pesquisa reporta-se a relação do homem com a paisagem e sua conseqüente transformação advinda do todo processo das ações humanas através de sua história. Na contemporaneidade a globalização para Harvery (2004, p.79) “se tornou uma palavra-chave para organização de nossos pensamentos no que respeita a organização do mundo” Uma nova forma de organização com uma enorme bagagem e implicações próprias de seu tempo e condição da existência do homem, direcionadas pelas circunstâncias e a via escolhida pelo homem.

Nesse contexto Harvery (2004, p.79-91) esclarece que “[...] aspectos como as atividades de produção, distribuição e consumo, exercem forças distintas sobre a paisagem geográfica, assim como a desregulamentação financeira, as profundas mudanças tecnológicas e melhoria de produtos”. Nesse processo compreendem igualmente como forças exercidas sobre a paisagem, o sistema de mídia e comunicações, contando com os custos, o tempo de transportes e deslocamento nos espaços com suas interligações.

Estes fatores também contribuem verdadeiramente para uma reorganização geográfica. Entre as questões contemporâneas e todas as suas contradições, e a subjetividades humanas, sua relação com a natureza, seus saberes e fazeres são elementos fundamentais na construção do espaço social, assim como suas transformações, político e cultural de acordo com seu contexto.

O homem em um emaranhado de formas, conceitos, ações, subjetivações engendradas na contemporaneidade se depara com um estilo de vida que de Marcel (1944), comenta em seu livro “Prolégomènes a une métaphysique de l’esperance”, a como tendo fundamento na competitividade e no consumo, movido pela máquina da acumulação e o lucro. Estes demonstram um movimento que circula em torno de si mesmo onde não se importa com coisas ou indivíduos que a rodeia em marcha contínua com direção marcada em si mesmo. Nesse sentido, os caminhos são tomados firmados em novos valores que impõe uma forma de relação do homem com a paisagem e em seu espaço construído.

Para Gomes (2008, p. 3) que muito contribui para essa análise, “o homem se encontra apartado de seu poder de crescimento, da consciência do seu ser social, de seu universo de interações, de sua história e seu lugar, seus valores e cultura e de sua cidadania”. Tudo isso ocorre em nossos tempos em consequência desse novo posicionamento diante das propostas fundamentadas em conceitos próprios para sustentar a dita ‘máquina de acumulação e lucro.

Nesse sentido acrescenta o autor em uma análise da sociedade vista como abrigo para esse ser, mas, segundo Gomes (2008, p. 4) que também o transforma em pessoa reduzida “sem as reais dimensões de sua humanidade e, por isso, ela própria, sociedade, tende a se degenerar nas armadilhas dos modelos corruptíveis”. Essas armadilhas são citadas como menor esforço, o descompromisso, o maior proveito material e da renovação que não se revela, mas se travesti de convencionalismo, acompanhada de uma ação inconvenientemente dirigida etc.

No convívio com um volume nunca visto antes de ofertas em que a referência de valores anteriores é subestimada, o homem se rende colaborando com a construção de um novo espaço e um novo destino. O que torna evidente, nessa trajetória da humanidade, é a situação do risco à autodestruição, advinda das escolhas assumidas ao trilhar esses caminhos colocando em suas ações evidências de uma contradição quanto as dinâmicas da vida.

A paisagem nesse momento histórico se revela de forma distinta de outras épocas com significados e representações próprios da sua relação com o homem. Essa contradição da atualidade traz consigo um redimensionamento das questões, humanas e geográficas, onde os homens a propósito da sua vinculação com a vida na terra se encontram numa ação impulsiva. Consciente ou inconscientemente dirige sua perspectiva desejando o controle da natureza. Nesse contexto, o termo espaço é interpretado de diversas formas na ciência. Na Geografia, segundo Lencioni (2003), a interpretação da corrente fenomenológica define-o como:

O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa Geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço. (LENCIONI, 2003, p. 152)

Nesse momento da trajetória da humanidade, o espaço se apresenta como resultado das ações e comportamentos, da percepção, significados e representações dadas pelo ser humano ao espaço. Estas experiências espaciais, são organizadas e influenciadas por uma diversidade de fatores externos. O resgate de si mesmo frente a opção entre inúmeros caminhos a serem tomados, colocando a mostra fatores decisivos para sobrevivência dados pela natureza, as decisões e ações pela vida.

Esses são apontamentos que perpassam pelas necessidades especialmente de nossos tempos. Tempos que expõe a mudança de hábitos e valores que alteram a relação e observância da natureza e a natureza das próprias ações humanas; onde o ir e vir com velocidade nunca antes vista determina uma redução das relações naturais. Com esse enfoque nos fenômenos que envolvem o ser humano, abordaremos nessa pesquisa, as questões da subjetividade de um ser no mundo, diferenciado pela

capacidade de construção, sua personalidade e de seu espaço social imbricados na natureza com seu caráter geográfico.

Nesse processo contínuo de interação homem natureza, o registro das particularidades desse ser, nesse instante, nesse tempo e a sua intimidade com a paisagem do parque da cidade de Porto Velho nos traz a reflexão posta pelas ciências geográficas e novos dados científicos se apresentam na atualidade. Buscando a reordenação de nossa investigação, consideramos referências que deverão fundamentar as proposições do universo do homem e do lugar.

3.1 PAISAGEM GEOGRÁFICA

Na busca da reflexão proposta, em vista das exigências na análise da relação do homem com a paisagem, a geografia humanista e cultural tem como base filosófica a fenomenologia. Esta toma como base para sua análise os sentimentos e percepção espaciais e seus significados como confirma Spósito (2004, p.100-101) a geografia humanista envolve a “subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e ao invés da explicação tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo.”

Nessa compreensão, esses elementos que vão além do material, não são importantes apenas na elaboração de análise científicas. Sua relevância está na possibilidade de expansão e aprofundamento dos conceitos de análise geográficos, de observação e compreensão do que se trata as concepções, conceitos e posicionamentos do que é a representatividade no individual e no coletivo. A partir da concepção de espaço por Henri Lefebvre (1976), as possibilidades de compreender que,

[...] não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a produção das relações (sociais) de produção. (LEFEBRE, 1976, p.34)

O autor revela a complexidade da formação do espaço que conta com elementos materiais e imateriais na sua formação. Para Correa (2006, p.30) o lugar se torna o mais relevante conceito na geografia enquanto o espaço para muitos passa a ter o sentido de espaço vivido e a paisagem passa a ser um conceito valorizado. Dessa forma muitos autores desenvolveram o conceito de paisagem que para Alexander Von Humboldt que fazia contato com a natureza através de suas viagens num exercício de observação e percepção da relação dos elementos da natureza que em seu conjunto formam a paisagem.

Humboldt (1950, p. 7) no século XX as descrevia como formas visíveis, estéticas, que possuem uma fisionomia demonstrando que “[...] em todas as zonas a natureza apresenta o fenômeno destas planícies sem fim; mas, em cada região, têm elas caráter particular e fisionomia própria”. Nesse contato com a natureza, de acordo com sua percepção o pesquisador constata as mais diferentes formas a serem descritas.

Através de seu caráter revela dois tipos de correntes a serem descritas: “[...] a paisagem, transcrição exata da imagem visualizada no contato direto junto à natureza, e a paisagem que, embora programada pelo cálculo exato e pontual, vai ser manipulada e reconstruída a fim de atingir uma paisagem ideal” (HUMBOLDT 1950, p. 335). A paisagem se revela para o observado com toda sua grandeza tendo o observador a intenção de sua descrição direta ou manipulação e sua reconstrução.

Para Dardel (2011, p.30) “A paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre”. Esse ambiente se compõe da diversidade da natureza e da presença do homem na qual revela suas ligações com a terra visto por Dardel (2011, p. 31) “como lugar base e meio de realização”. Assim, a geograficidade, a relações do homem com o ambiente e seus elementos originais, traz com a sua presença os desdobramentos e as relações diversas na existência humana.

Entende-se, também, segundo Claval (1999, p. 23), “[...] uma paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens”. Nessa ação humana transcendendo ao material, conta com a diversidade de percepção e interpretações que formam a cultura humana. Para essa análise, trabalhamos o conceito de paisagem oferecida pelo ramo da ciência geográfica, visto como nova geografia cultural que traz uma abordagem a partir da experiência cultural humana. Procura a compreensão de como esta constrói o meio- ambiente, juntamente com as relações sociais no espaço “[...] ao papel complexo das paisagens, ao mesmo tempo suporte e matrizes das culturas” CLAVAL, (2001, p.41).

3.2 QUESTÕES CULTURAIS NA GEOGRAFIA

De acordo com Claval (2002, p. 10) traz duas concepções em seus estudos. Na primeira concepção funcional é vista como reflexo do funcionamento social, cultural e econômico da sociedade. A segunda concepção arqueológica reflete os aspectos do passado, ficando em segundo plano a estética da paisagem com exceção na análise da harmonia. Atualmente alguns autores também atribuem importância ao estudo estético da paisagem rurais e urbanas.

Contudo, Claval (1999, p. 420) afirma que “[...] não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os

dinamismos culturais.” Considera dessa forma, os valores de preservação ambiental e conservação da paisagem assim como as lembranças do passado manifestados na cultura o que envolve o tempo e o lugar. Uma ideia que vai de encontro com o pensamento de Sauer.

O geógrafo norte-americano Carl Sauer (1998, p.42), da geografia cultural clássica, em sua análise afirma que “Não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço”. O autor considera a paisagem em formação constante onde ocorre um processo de desenvolvimento ou dissolução e substituição, que “no sentido cronológico” é de grande importância as alterações de uma área ocorridas através das ações humanas e ainda, sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental.

A área, anterior à atividade humana, é representada por um conjunto de fatismorfológicos. Sauer, (1998, p.42) afirma que “As formas que o homem introduziu, são um outro conjunto”. Trazendo a definição de paisagem e sua identidade, Sauer revela limites e relações generalizadas considerando outras paisagens em um sistema constituído de forma geral. Para o autor “[...] a paisagem é vista por tanto, em um certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica” (Ibid., 1998, p. 23).

Esta compreensão se fundamenta na percepção a partir de observações onde o sujeito e paisagem tem a mesma importância e nas suas inter-relações se complementam. Indo além Sauer (1998, p. 22) considera que os “[...] objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação”. Portanto a paisagem com toda sua complexidade de leitura revelada ao pesquisador, tornam essa inter-relação uma forma clara de afirmação da sua existência. Assim torna o observador parte de um processo de aprofundamento para compreensão das transformações geográficas.

Para a leitura da paisagem de acordo com Besse, (2000, p. 64) “[...] a paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção”. Com isso podemos observar que as circunstâncias, o tempo, os valores do lugar, as condições e evolução históricas como os demais elementos que possam influenciar essa leitura, demonstram uma evolução a respeito do pensar sobre paisagem geográfica.

Nesse sentido, surge a questão relacionada à fisionomia da paisagem já comentada por Humboldt, (1950) agora apresentada por Besse (2000, p. 72) onde a paisagem, “[...] possui uma fisionomia, é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um espírito interno”. Contando com a sua fisionomia e expressão, o sentido atribuído advém de um conjunto de elementos. Estes são próprios do “espírito do lugar” como complementa o autor. “Tudo se passa como se houvesse um “espírito do lugar” do qual a aparência exterior do território seria a expressão [...]” (Ibid., p. 72). Demonstra-se dessa forma a multiplicidade de interpretações e análises possíveis

partindo dos elementos relacionados e suas variáveis e a percepção e interpretação do observador, de acordo com o tempo e a cultura local. Veja:

[...] paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito, ainda que indireto e complexo, de uma produção. A paisagem é um produto objetivo, do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior. Há como que um “interior” da paisagem, uma substancia, um ser da paisagem que só deixa ver seu exterior. É aliás, isto que dará, aos olhos de certos geógrafos, o limite da abordagem paisagística. Ao mesmo tempo, a intenção e a esperança científicas do geógrafo consistem tentar ultrapassar esta superfície, esta exterioridade, para captar a “verdade” da paisagem (BESSE, 2000, p. 64).

Não basta somente a análise das características físicas. Esta interpretação vai além, transcende em busca da essência viva da paisagem o que clama por uma convivência e percepção aguçada do pesquisador, que através da visão de Gilles Sautter (1979), Claval (2002, p. 10) afirma que “[...] a ideia fundamental é de que os geógrafos devem conceber o estudo da paisagem como uma exploração da convivência que se desenvolve entre ela e os homens”.

É nessa inter-relação que podemos observar a ocorrência das atividades humanas. Uma afirmação que parte do pressuposto de que para o estudo dessa inter-relação “existe uma definição da natureza ou essência do homem que só pode ser concebida como funcional, não como substancial”. Cassirer (1977, p. 116) “Sua natureza está no trabalho, na ação. Entre suas inumeráveis ações, o trabalho é uma ação de sobrevivência transformadora do espaço e da paisagem envolvendo tempo, valores, conceitos e interpretações que nas suas interligações colaboram com a formação cultural”.

Dando ênfase a paisagem cultural com todo seu caráter físico e imaterial se torna presente como representação das ações humanas onde Claval (1999, p. 31) considera que “[...] seus métodos para a geografia cultural exigiam uma sólida formação naturalista, que se preocupa com a fauna, agricultura, incêndios, colheita, migrações, pastagens, florestas, caça, etc.”.

Na reunião e complexidade de todos esses elementos considerados na geografia humana e cultural, em que a paisagem em seus termos passa a ser vista como uma realidade construída, confirma Sauer (1998, p. 29) que a geografia baseia-se, “na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do uso da área”

Dessa forma podemos compreender que os “[...] fatos de base física e fatos da cultura humana” integrados em uma inter-relação resultam em transformações que imprimem sua marca intimamente ligada à cultura e a paisagem. Dessa forma a “[...] paisagem não se apresenta tão-somente como um reflexo do funcionamento passado ou presente da sociedade”. (SAUER, 1998, p. 29).

Na atualidade podemos observar esse processo de “funcionamento” de forma acelerada no desvendar da sobrevivência do homem no mundo da globalização. Tudo isso envolve o fator tempo

que traz em si, valores renovados concepções diversas dando sentido inovador as interpretações de cultura e paisagem nesse momento da história da humanidade.

Para essa análise consideramos o pensamento de Claval (2002, p. 26) que desenvolvendo esse pensar na paisagem, considera toda complexidade das relações humanas e culturais, “[...] onde se instalam as relações sensoriais, as relações emocionais entre a paisagem e o observador”. Analisadas como elementos de igual importância afirma que “[...] o papel da paisagem nas estratégias de poder e de dominação é explorado. A significação da paisagem na construção ou na preservação das identidades é ressaltada” (Ibid., 2002, p. 26) Nesse conjunto complexo podemos perceber seu significado e representação no lugar.

3.3 REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO

O estudo busca analisar representação e significado das praças e parques em Porto Velho que implica em ir além do entendimento do fenômeno natural da construção da paisagem, permitindo momentaneamente associar ao conceito da paisagem representação e significado com a poética e valores culturais do lugar.

Compreendendo a paisagem, vinculamo-nos aos termos de Lefebvre, onde esse fenômeno deve ser visto em sua especificidade espaço-temporal. Isso leva em conta os fatores de dimensão sensível e simbólicos, como confirma Serrão (2011, p. 186) “A paisagem enquanto “dimensão sensível e simbólica do meio” depende sempre de uma subjectividade coletiva e não existe independentemente de uma cultura”.

Dessa forma demonstra o autor todo encontro e inter-relação da natureza e do ser humano e suas experiências nas quais, esses elementos juntos, interagindo entre si, revelam a presença e expressão do homem no mundo no momento em que a natureza dá a sua permissão para ser colocada como fruto da experiência humana partindo de uma mesma realidade.

Assim, no que se refere ao termo “mundo e ambiente”, concebe-os elementos em vista da possibilidade das relações entre os mesmos e a integração entre os indivíduos e os objetos numa mesma realidade. Para Serrão (2011, p. 194) “Pode assim colocar-se a hipótese de que nesse mundo opera uma particular lógica de escala que alia a medida objetiva das coisas em si mesmas à medida subjetiva dessas mesmas coisas para o Homem que as percebe [...]”.

Observando as práticas espaciais, estas trazem em si ações repletas de subjetividades que estando presentes num determinado espaço, atuam de forma real e transformadora. Essa dinâmica incorpora importância fundamental na definição e afirmação da forma de existência das realidades nas quais se encontra presente em um tempo e espaço determinado.

Pode-se supor que a prática espacial, as representações do espaço e os espaços de representação intervêm diferentemente na produção do espaço: segundo suas qualidades e propriedades, segundo as sociedades (modo de produção), segundo as épocas. As relações entre esses três momentos – o percebido, o concebido, o vivido – nunca são simples, nem estáveis, tampouco são, mais “positivas”, no sentido em que esse termo opor-se-ia ao “negativo”, ao indecifrável, ao não-dito, ao interdito, ao inconsciente. LEFEBRE (2006, p.76),

Estas paisagens como esclarece o autor vai além do campo visível, mas transcende para o imaterial se estendendo ao campo da representação e significação onde a constatação e decodificação do seu sentido é reservado a experimentação e produção do espaço vivido, espaço percebido e concebido. Estes envolvem os elementos pesquisados pela geografia cultural possibilitando seus registros e constatação de conflitos, sucessos e fracassos ocorridos e vivenciados pelo homem em sua história social através dos tempos. Na atualidade podemos perceber o espaço em foco nesse estudo, cheio de sentidos que são permitidos ser reconhecido na paisagem, uma vez que esta traz as marcas impostas pelas transformações de hábitos e valores individuais e sociais vinculados a esse tempo na cidade de Porto Velho.

4 RESULTADOS

Porto Velho é a capital do Estado, localizada ao norte do estado de Rondônia, as margens do Rio Madeira e têm uma população aproximada de 494 mil habitantes segundo dados do IBGE (2010). Em sua maioria as pessoas são oriundas de outros estados, principalmente no sul e sudeste do país. É uma cidade portuária onde o seu maior rio é o “Madeira” e possui mais de 60 bairros.

Segundo os dados do IBGE, o município de Porto Velho tem aproximadamente 34 mil Km² de área, com 12 distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã e Extrema declarado mais recentemente.

Tendo em vista melhores condições urbanas e melhor qualidade de vida da população, o Parque Circuito de Porto Velho foi fundado em 1967 numa antiga plantação de seringueira às margens da Estrada dos Tanques, atual Av. Lauro Sodré, com o objetivo de criar para a comunidade uma área de lazer para a prática de atividades físicas e passeios familiares.

Passou a se chamar Parque Circuito, possivelmente pelo fato de que até pouco tempo, Porto Velho não possuir muitos espaços destinados para caminhada e trilhas. A pista do Parque Circuito tem aproximadamente um quilômetro (1 km) de extensão em meio a uma área bem arborizada, e está localizado na Zona Norte de Porto Velho. O espaço total do parque é de 390 hectares com diversas atrações, entre elas, três trilhas na mata para crianças e adultos, um museu do acervo biológico, sala

de educação ambiental para cursos e oficinas, playground, mesas para piquenique, academia ao ar livre e viveiro.

Em visita ao local, observamos que este inicialmente era um lugar lindo, cercado por árvores, todo gramado, com trilhas para caminhada. Ótimo espaço para finalizar as tardes com passeios e contato com a natureza, a calma, o sossego e a prática de esportes. Um pouco afastado do centro da cidade e com iluminação deficiente transmitia um ar de abandono, de descaso com a diversidade ambiental que ali se encontrava. Entretanto, permanecia uma luz interna, própria da natureza.

Após uma reforma o espaço voltou a ser frequentado por famílias, jovens, crianças e idosos. Observamos em trabalho de campo, as comemorações de aniversário estilo piquenique, e as pessoas se sentiam muito bem ao esticar suas toalhas na grama e aproveitaram pra valer o espaço. O local possui estacionamento próprio e no seu trânsito, é proibido trafegar com motos nas dependências do parque como cuidado da administração. Observamos que havia várias lixeiras, e apresentava o cuidado com a preservação e manutenção do ambiente.

Parque Circuito, em 2018, apresenta outras condições considerado por nós como favoráveis. Um número de pessoas distintas o escolhe como destino para passeios ou então para prática de exercícios físicos. Apesar de seu ar de abandono, é gritante a falta de manutenção e segurança onde se encontra mato alto onde deveria ser grama, iluminação precária, prédios sem condições de uso falta de segurança.

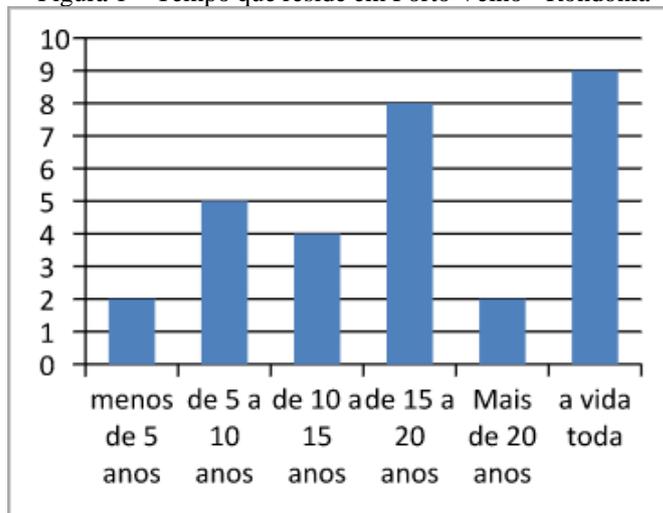
No entanto ainda é um espaço que exige nossa atenção como uma grande área para a cidade de Porto Velho, que foi formada pelas mãos humanas e influência na dinâmica da cidade e no cotidiano de seus habitantes. Uma questão a respeito de nosso tempo que merece atenção nessa pesquisa reporta-se a transformação da paisagem e seu universo de interpretação e suas subjetividades, percebidos e pela população local. Os espaços geográficos, mormente são povoados de sonhos, que em realidade, podem dar a sensação de realização pessoal, ou frustração coletiva.

5 DISCUSSÃO

Para essa análise com a população do município de Porto Velho, foi aplicado um questionário com questões fechadas e abertas a uma amostra de 50 pessoas que frequentam o parque circuito em Porto Velho, selecionadas de forma aleatória, no momento que escolheram estar no parque.

No questionário sobre o tempo de moradia houve uma diversificação de respostas destacando que desse grupo de entrevistados 90% dos indivíduos nasceram e moraram em Porto Velho toda sua vida. Figura 1 demonstra esse tempo de moradia na cidade, também nos chamou atenção é um número elevado de pessoas que vivem entre 15 e 20 anos no município.

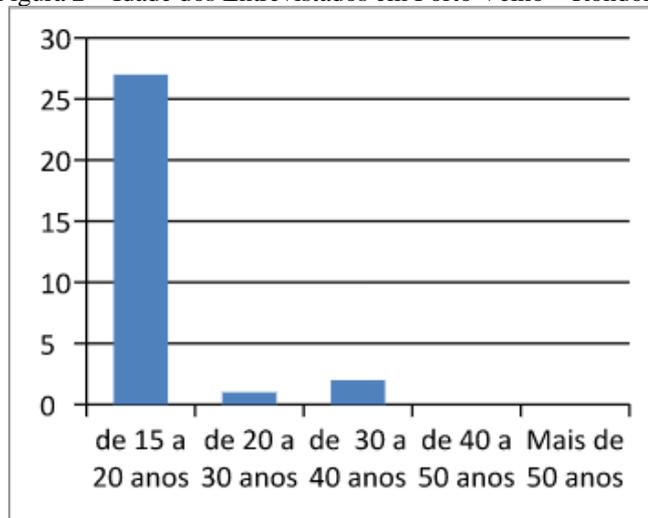
Figura 1 – Tempo que reside em Porto Velho - Rondônia



Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Um total de 90% dos sujeitos que responderam ao questionário tem idade entre 15 e 20 anos, demonstrando que naquele momento o parque era frequentado por pessoas mais jovens. Por questões dedutivas, tínhamos a hipótese de que encontraríamos pessoas com mais idade, mas, a hipótese foi refugada. Figura 2 demonstra a idade dos entrevistados.

Figura 2 – Idade dos Entrevistados em Porto Velho – Rondônia

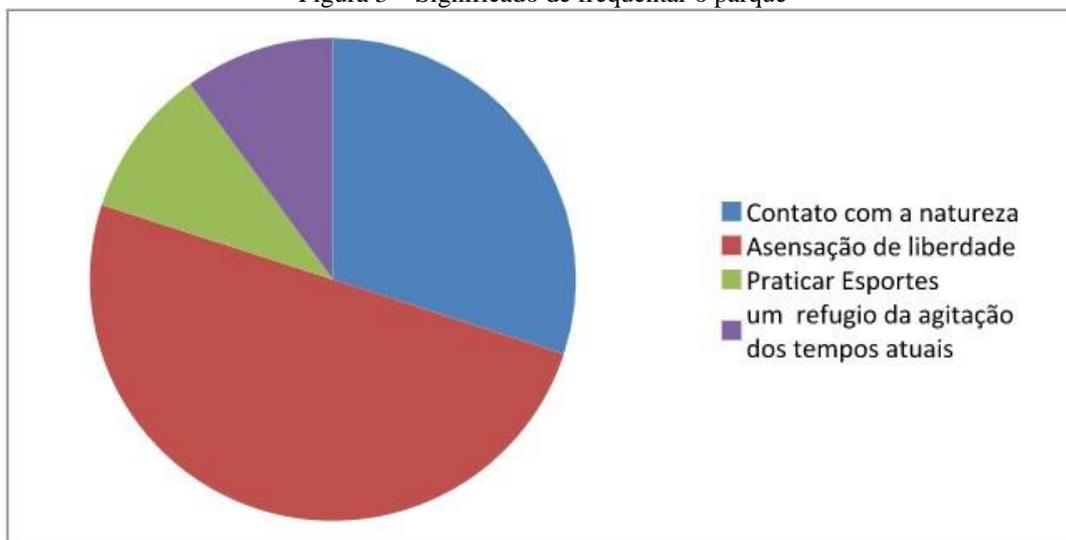


Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Na busca da percepção da população a respeito da paisagem do parque colocamos o questionamento sobre o que significa frequentar esse parque. Os entrevistados praticavam esporte no momento que foram abordados, entretanto a importância da prática de esportes no parque em escala se encontra como último item de importância verificado nas respostas do questionário. Foram considerados a sensação de liberdade, o contato com a natureza e o refúgio da agitação dos dia a dia

como itens mais significantes enquanto frequentam este espaço. Figura 3 demonstra o significado de frequentar o parque.

Figura 3 – Significado de frequentar o parque

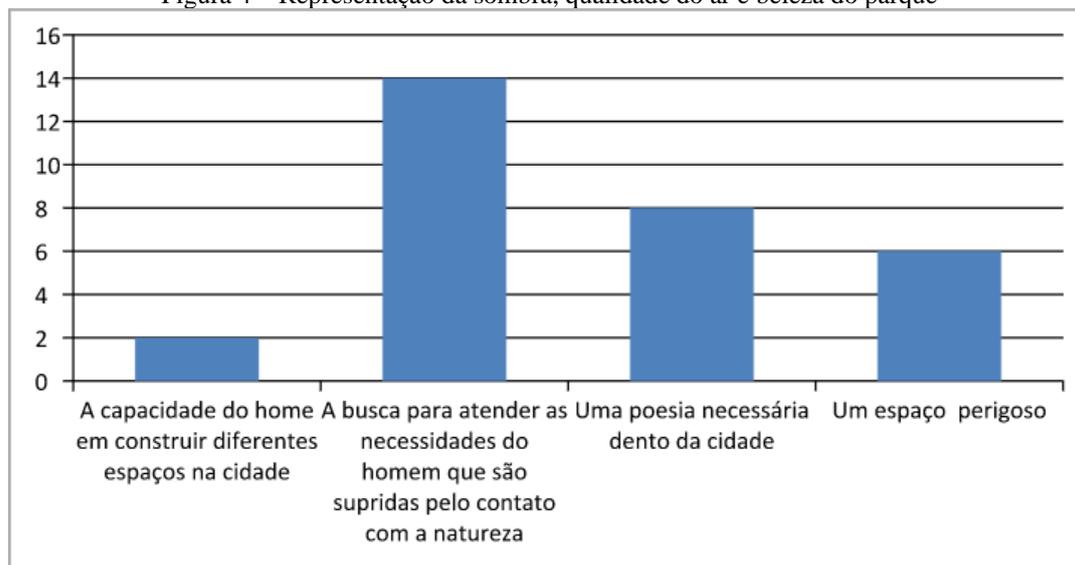


Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

O segundo questionamento se refere ao significado, e o que representa a sombra, qualidade do ar e beleza do parque. O significado e representação identificados com importância maior foi a busca para atender as necessidades do homem que são supridas pelo contato com a natureza seguidos do reconhecimento do parque como poesia necessária dentro da cidade. O medo está presente antes mesmo da importância da reconhecida capacidade do homem em construir diferentes espaços na cidade para sua melhor qualidade de vida.

Esta questão do medo é interessante, pois, o que isto representa a cada pessoa é um tema a parte desta pesquisa, mas que tem importância geográfica, pois o mapeamento deste tema traz a percepção de representatividade de cada paisagem, de cada espaço. Um dos pontos que nos chamou atenção foi a possibilidade de mapearmos este medo e identificar os seus “por quês”. Figura 4 demonstra significado e representação da sombra, qualidade do ar e beleza do parque.

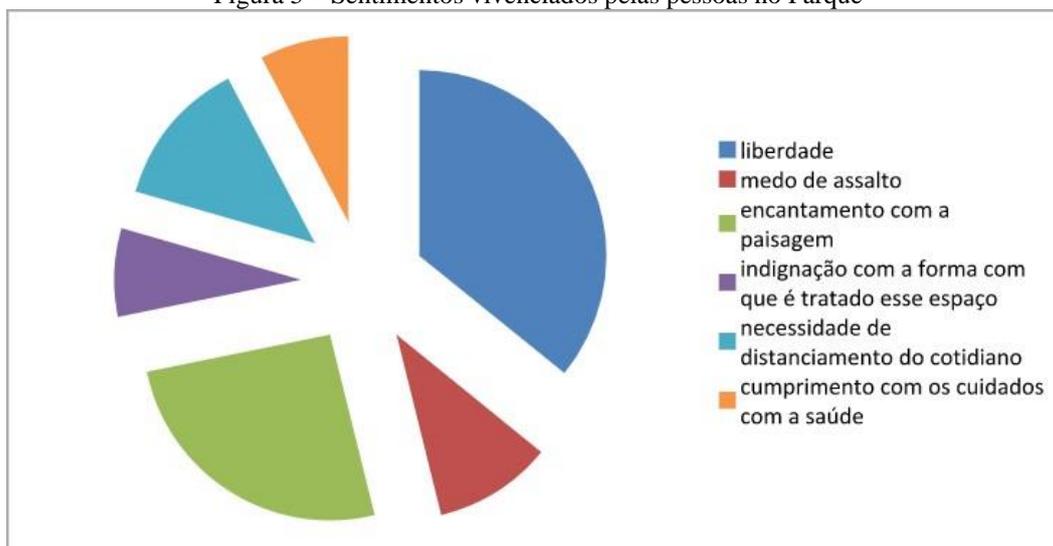
Figura 4 – Representação da sombra, qualidade do ar e beleza do parque



Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Foram constatados também em ordem de importância os sentimentos vivenciados nesse lugar. A liberdade tão desejada pelo ser humano em todos os tempos se apresenta em primeiro lugar, numa porcentagem bem próxima ao encantamento com a natureza. Caracterizando os tempos atuais o medo de assalto aparece como o terceiro sentimento vivido nesse espaço, antes mesmo da indignação com a forma com que é tratado e mantido esse espaço. Figura 5 demonstra os sentimentos vivenciados nesse espaço. Em última análise questionamos a contribuição desse Espaço para Porto Velho, Rondônia.

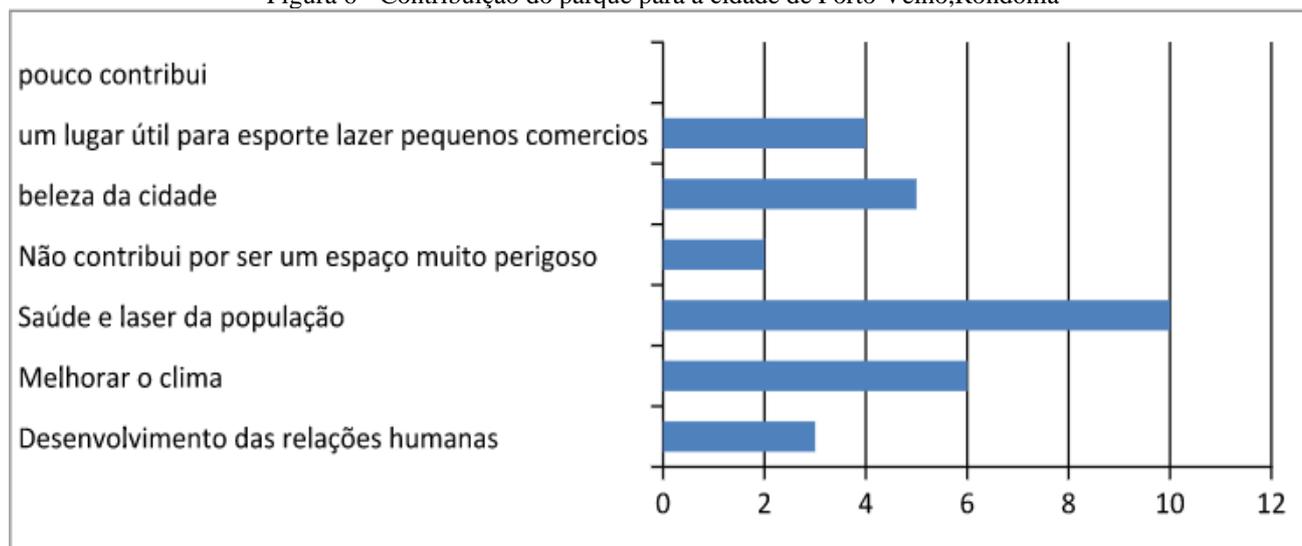
Figura 5 – Sentimentos vivenciados pelas pessoas no Parque



Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Reconhecidamente a saúde e lazer para a população foram colocadas em primeiro plano. Veio seguida da melhora do clima e embelezamento da cidade. O olhar como utilidade para esporte exclusivamente vem na sequência seguido do desenvolvimento das relações humanas. Figura 6 demonstra a contribuição do parque para a cidade de Porto Velho, de acordo com as respostas do questionário.

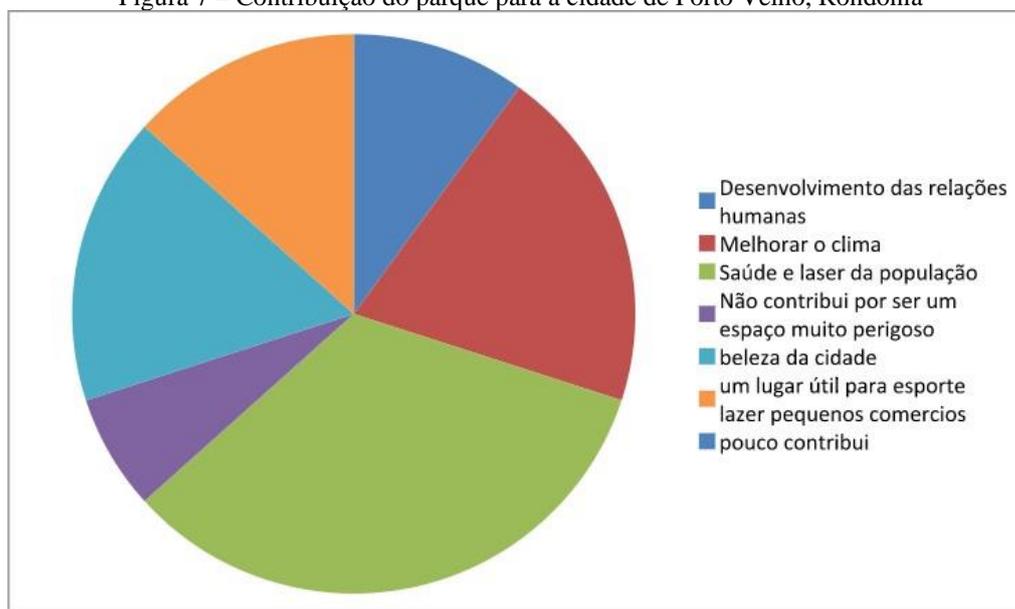
Figura 6 - Contribuição do parque para a cidade de Porto Velho, Rondônia



Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Na questão aberta que se refere ao que mais encanta e desencanta naquele espaço, foram citados como encantamento tudo que foi planejado, o convívio de pessoas, amigos e familiares, a beleza da natureza, o lago e os animais, a liberdade, além da prática de exercício físico sempre acrescentando na hora de responder a observação: “apesar dos problemas vistos”. Um lugar para se proteger da correria e do caos de Porto Velho (Figura 7).

Figura 7 – Contribuição do parque para a cidade de Porto Velho, Rondônia



Fonte: Machado, Ximenes e Nascimento Silva (2018)

Como desencanto foi citado a falta cuidado com belezas naturais, e a falta de valorização por parte dos habitantes e políticos da cidade. O descuido de muitos e descaso de outros na manutenção e preservação. A utilização do espaço muitas vezes para fins citados como fúteis. A falta de segurança e manutenção do local, com a esperança e o lamento de que ainda há muito que construir, reconstruir e cuidar, neste e em outros espaços da cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de perceber o caráter subjetivo presente nas paisagens dos parques portovelhenses, constatamos os significados e representação do parque circuito de Porto Velho. Demonstrado nesse espaço o significado de frequentar, o significado e representação da sombra, qualidade do ar e beleza, os sentimentos vivenciados nesse espaço, e o reconhecimento da contribuição do parque para a cidade de Porto Velho, houve respostas diversificadas, mas demonstram que na atualidade a busca pela liberdade é o fator mais valorizado.

O contato com a natureza traz esta ideia de conquista da tão sonhada liberdade e o a sensação de estar suprindo muitas das inúmeras necessidades humanas, trazendo uma interligação com a sobrevivência de significado primordial na existência humana.

Seguidamente observamos que é visto contendo o significado de uma poesia necessária à vida humana assim como representa uma “poesia necessária” na cidade, trazendo em sua subjetividade a possível interpretação de que a poética da paisagem está também ligada as necessidades de humanas não enquanto complemento mas como parte de sua sobrevivência uma vez considerando o homem

parte integrante da natureza. Assim nem mesmo os tempos de globalização e alta tecnologia desfazem ou excluem ou torna menor tais necessidades naturais.

O tempo que parece ter se reduzido, traz a ansiedade de reviver a intimidade com a natureza. O significado e representação identificados com importância maior foi a busca para atender tais necessidades do homem que são supridas pelo contato com a natureza seguidos do reconhecimento do parque como poesia necessária dentro da cidade.

O medo presente entre os sentimentos se relaciona ao cotidiano na contemporaneidade que tem suas raízes no medo das relações humanas degeneradas na atualidade e nas possíveis armadilhas geradas num processo em que está presente seres corruptíveis vistos no cotidiano desse instante histórico. A este medo é dada grande importância antes mesmo de outros sentimentos, como a capacidade humana, podendo distanciar muitos do contato e da valorização do referido espaço.

A pesquisa traz o reconhecimento da população quanto a contribuição do mesmo primeiramente para a saúde e lazer para a população colocadas em primeiro plano veio seguida da melhora do clima e embelezamento da cidade. Observamos que a maior atividade no local era o esporte e ainda assim de acordo com os dados estar naquele lugar, está cercado de outros significados como liberdade e a necessidade de estar na sua condição de ser integrante da natureza.

Diante das informações levantadas, observa-se que a população tem a percepção da importância no que se refere ao parque, a paisagem urbana, e seus aspectos benéficos. No entanto, percebemos com esta pesquisa que ainda falta uma política de planejamento e viabilização de ações a serem implantadas a curto, médio e longo prazo e que visem melhorar as condições do parque para que haja, de fato, a melhoria na qualidade de vida da população advinda do parque na cidade de Porto Velho.

Esta pesquisa enfim, nos permite afirmar que falta iniciativa por parte das pessoas em contribuir para uma cidade mais comprometida com as questões urbanas e preservação do meio ambiente, demonstrando sua influência sobre o espaço e ao mesmo tempo sendo influenciadas pelo mesmo e, além disso, vimos que o sentido e significado da paisagem nos tempos atuais estão regulados com as necessidades humanas que são supridas através da natureza, em evidência ainda maior em nossos tempos; apesar do estilo de vida e decisões tomadas para priorizar a inter-relação homem natureza não permanecer em primeiro plano das ações humanas.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do espaço. 7ª tiragem. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p. (Coleção Tópicos, 1 ed. 1989).
- BOSI, A. Fenomenologia do olhar. *In*: O olhar. 11 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 65-87. (1.ed. 1988).
- CIOCCARI, C. C. Dissertação de Mestrado, Ensino de Geografia e o Trabalho de Campo: Construindo possibilidades de ensino e aprendizagem sobre o espaço urbano e rural em Júlio de Castilhos, RS. 2013.
- CLAVAL, P. Epistemologia da Geografia. Editora UFSC. Florianópolis, 2011.
- CARNEIRO C. D. R. Os gastos com aulas de campo do Curso de Geologia da UFPR. Aulas de campo em cursos de graduação de Geologia: o que são e para que servem? Campinas: IG-Unicamp. 2008.
- CHIAPETTI, R. J. N. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia Humanista: GeoTextos, vol. 6, n. 2, dez. 2010. p. 139-162.
- DARDEL, E. L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990. 199 p.
- GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. *In*: OLIVEIRA, L de.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA Jr., E. (Orgs.). Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. Londrina, PR: Edições Humanidades, 2006. 299 p. p. 109-127.
- JUSTEN-ZANCANARO, R.; CARNEIRO, C. D. R.. Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR. TERRÆ 9:49-60, 2012.
- KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- LACOSTE, Y.. A Pesquisa e o Trabalho de Campo: Um Problema Político para os Pesquisadores, Estudantes e Cidadãos. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 77 – 92, 2006.
- MACHADO, S. M. T.; XIMENES, C. C.; NASCIMENTO SILVA, M. G. S. QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: AS SOMBRAS DA PAISAGEM.. *In*: Anais do X Seminário Temático da Rede Internacional CASLA-CEPIAL. Anais.. do X Seminário Temático da Rede Internacional CASLA-CEPIAL Porto Velho(RO) UNIR, 2018.
- MARCOS, V. Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105 – 136, 2006.
- MEIHY, J. C. S. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VENTURI, L. A. B. - O Papel da Técnica no Processo de Produção Científica. Boletim Paulista de Geografia, SÃO PAULO, nº 84, p. 69-76, 2006.